

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Ivy König Pfützenreuter

**CLIPPING DIGITAL EM BIBLIOTECAS:
o exemplo do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal**

**Porto Alegre
2010**

Ivy König Pfützenreuter

**CLIPPING DIGITAL EM BIBLIOTECAS:
o exemplo do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal**

Monografia de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helen Beatriz Frota Rozados.

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretor: Profa. Dra. Regina Helena Van der Laan

Departamento de Ciência da Informação

Chefe: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituto: Profa. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P531c Pfützenreuter, Ivy König

Clipping digital em bibliotecas : o exemplo do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal / Ivy König Pfützenreuter. – 2010.

57 f. ; il.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação / Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2010.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Helen Beatriz Rozados.

1. Clipping. 2. Webjornalismo. 3. Banco de Notícias. 4. Biblioteca Digital do Senado Federal. 4. Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho. I. Título.

CDU: 001:087

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, n. 2705 – Bairro Santana
CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3308-5067
Fax: (51) 3308-5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

Ivy König Pfützenreuter

CLIPPING DIGITAL EM BIBLIOTECAS:
o exemplo do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal

Monografia de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela Banca Examinadora em _____ de _____ 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Prof.^a Dr.^a Helen Beatriz Frota Rozados

Prof. Dr. Rafael Port Rocha

Ana Gabriela Clips Ferreira

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo.

À minha mãe por sempre me apoiar e fazer tudo por mim e por meus irmãos.

À minha vó e aos meus irmãos por sempre estarem presentes na minha vida e ao restante da família por torcerem por mim.

À minha orientadora, professora Helen Rozados, por toda atenção, disponibilidade, assistência e pelas palavras de conforto que me passaram tranquilidade nos momentos de angústia.

À banca examinadora, professor Rafael Port Rocha e Ana Gabriela Clips Ferreira, por aceitarem fazer parte da banca e pelas sugestões ao trabalho.

Aos meus amigos, em especial aos que fiz na faculdade, por dividirem as mesmas angústias e tornarem a vida acadêmica muito mais alegre.

A todas as bibliotecárias e demais colegas de estágios com quem pude aprender muito ao longo desses anos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me possibilitar uma graduação gratuita e de qualidade.

Obrigada a todos!

“Não há mais distância que seja obstáculo à velocidade,
nenhuma fronteira detém a informação.”

(Le Coadic)

Resumo

Aborda a questão do *clipping* digital em bibliotecas. Busca responder como se dá o uso do *clipping* pelo Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal, levando em consideração os diversos tipos de informação jornalística disponível na Internet. Estuda o webjornalismo e suas diversas formas, como os *sites* noticiosos, os blogs noticiosos e o Twitter, este também como fonte de informação jornalística. Apresenta o histórico da Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho - Biblioteca do Senado Federal - por ser responsável pela Biblioteca Digital do Senado Federal. A pesquisa é exploratória e utiliza metodologia qualitativa. O instrumento de coleta de dados é um formulário com itens baseados em Tomaél et al. (2004). Analisa o Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal verificando a qualidade e a forma do uso do *clipping* pelo mesmo. Conclui que o Banco de Notícias, que faz uso do *clipping* de webjornalismo nos *sites* de notícias de agências reconhecidas, apresenta-se como uma fonte de informação confiável e atualizada. Sugere o uso do *clipping* de outras formas de webjornalismo pelas bibliotecas em geral e também pela Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho - Biblioteca do Senado Federal.

Palavras-chave: *Clipping*. Biblioteca. Webjornalismo. Informação jornalística. *Sites* noticiosos. Blogs noticiosos. Twitter. Banco de Notícias. Biblioteca Digital do Senado Federal. Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho.

Abstract

It approaches the question of clipping digital in libraries. Search to answer as if of the use of clipping for the Bank of News of the Digital Library of the Federal Senate, taking in consideration the diverse types of available journalistic information in the Internet. It studies the webjournalism and its diverse forms, as the news sites, blogs news and Twitter, this also as source of journalistic information. It presents the description of the Academic Library Luiz Viana Filho - Library of the Federal Senate - for being responsible for Digital Library of the Federal Senate. The research is exploratory and uses qualitative methodology. The instrument of collection of data is a form with item based on Tomaél et al. (2004). It analyzes the Bank of Notice of the Digital Library of the Federal Senate verifying the quality and the form of the use of clipping for the same. It concludes that the Bank of News, that makes use of clipping of webjournalism in the sites of notice of recognized agencies, is presented as a source of trustworthy and brought up to date information. It also suggests the use of clipping of other forms of webjournalism for the libraries in general and for the Academic Library Luiz Viana Filho - Library of the Federal Senate.

Keywords: Clipping. Library. Webjournalism. Journalistic information. Sites news. Blogs news. Twitter. Bank of News. Digital Library of the Federal Senate. Academic Library Luiz Viana Filho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esferas que ilustram a delimitação das terminologias.....	17
Figura 2 – Página web do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal.....	52
Figura 3 – Página inicial do Banco de Notícias.....	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivo específico.....	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 WEBJORNALISMO.....	15
2.1.1 Sites noticiosos.....	22
2.1.2 Blogs noticiosos.....	24
2.1.3 Twitter.....	26
2.2 WEBJORNALISMO E BIBLIOTECAS.....	27
2.3 <i>CLIPPING</i> E BIBLIOTECAS.....	29
2.4 BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL.....	31
2.5 CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA AVALIAR FONTES DE INFORMAÇÃO NA INTERNET.....	35
3 METODOLOGIA.....	40
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	40
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	41
3.3 SUJEITO DA PESQUISA.....	41
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	42
3.5 COLETA DE DADOS.....	42
3.6 ANÁLISE E CRÍTICA DOS DADOS.....	43
3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	43
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	45
4.1 INFORMAÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO.....	45
4.2 CONSISTÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	47
4.3 CONFIABILIDADE DAS INFORMAÇÕES.....	47
4.4 ADEQUAÇÃO DA FONTE.....	49

4.5 <i>LINK</i>	49
4.6 FACILIDADE DE USO.....	51
4.7 <i>LAYOUT</i> DA FONTE.....	52
4.8 RESTRIÇÕES PERCEBIDAS.....	54
4.9 SUPORTE AO USUÁRIO.....	55
5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE A – FORMULÁRIO.....	66

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do uso da Internet pela comunidade acadêmica, é comum o compartilhamento de informações. Com o surgimento da Web 2.0 essa troca de informação só veio a crescer. Cada vez é mais freqüente o uso de arquivos abertos e a publicação de documentos em meio eletrônico, o que vem a facilitar o acesso á informação, principalmente quando esta é selecionada e tratada por profissionais qualificados.

As tecnologias móveis digitais permitem maior facilidade na produção e na distribuição de informação, propiciando, também, uma maior mobilidade e instantaneidade. Um único dispositivo pode concentrar uma multiplicidade de funções, além de ser portátil e poder estar sempre *on-line*, enquanto que os equipamentos analógicos necessitam de uma maior quantidade para atender diversas funções e estão sempre *off-line*.

O webjornalismo vem fazendo uso desses recursos para produzir e distribuir informações. Atualmente as agências, os jornalistas e mesmo os amadores fazem uso de *sites*, blogs e Twitter para divulgar notícias em tempo real.

Devido a essa gama de recursos, as bibliotecas também necessitam se tornar mais dinâmicas, incorporando estas novas formas de comunicação e interação e os profissionais bibliotecários devem estar preparados para essa evolução que vem ocorrendo. Atualmente já se fala em Biblioteca 2.0, referindo-se ás instituições que fazem uso dos recursos disponíveis na Web 2.0.

Sabe-se que algumas bibliotecas já fazem uso de muitos destes recursos, um deles é o *clipping* digital, utilizado para disseminar e preservar as informações produzidas no webjornalismo. Porém, mesmo que os usuários, destas poucas, aprovelem este serviço, elas ainda são em número restrito, o que leva esta pesquisa a procurar conhecer mais sobre as possibilidades e vantagens do seu uso.

1.1 PROBLEMA

Os profissionais da informação, cumprindo seu papel de disseminador da informação, devem estar sempre atentos aos novos recursos e novos formatos de divulgação da informação que surgem, mantendo-se sempre atualizados para melhor atender seus usuários. Visto que as informações jornalísticas sempre foram uma fonte de informação importante e mostram-se necessárias em diferentes áreas do conhecimento, entre elas o meio jurídico e que, atualmente, a maioria dos usuários fazem pesquisas de cunho jornalístico na Internet, pergunta-se:

Dentre os tipos de informação jornalística disponível na Internet, como se dá o uso do *clipping* pelo Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal?

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho estão divididos em geral e específicos para sua melhor estruturação.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o uso do *clipping* pela Biblioteca Digital do Senado Federal, enquanto fonte de informação.

1.2.2 Objetivos específicos

São objetivos específicos desta investigação:

- a) identificar as diversas formas do webjornalismo;
- b) verificar o uso de *sites* noticiosos, blogs noticiosos e Twitter como fontes de informação jornalística na Internet;
- c) Identificar os tipos de fontes de informação jornalísticas usadas pelas bibliotecas para prestar informações a seus usuários;
- d) analisar como se dá o uso do *clipping* na Biblioteca Digital do Senado Federal.

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha do estudo das fontes de informação jornalística na Internet e a clippagem dessas nas bibliotecas justifica-se pela relevância e atualidade do tema, pelo fato do *clipping*, principalmente o digital, ser um serviço diferente e pouco oferecido por bibliotecas e por ser coerente com o que propõe o ideal da Biblioteca 2.0.

Também se pode justificar a pesquisa pelo meu interesse pessoal, já que sempre tento manter-me atualizada e acompanhar as últimas notícias em *sites*, blogs e Twitter e interesse-me por serviços, em bibliotecas, que façam uso de fontes não convencionais para levar informações aos usuários.

A escolha do sujeito da pesquisa também pode ser justificado pelo conhecimento prévio da referida base de recortes que esta pesquisadora tinha, devido a utilização da mesma em estágios durante a faculdade, o que a instigou a busca por bibliotecas que oferecem o *clipping* a seus usuários, como forma de verificar se este tipo de ferramenta era adotado em outras bibliotecas.

Este interesse pelos bancos de recortes de jornais e, conseqüentemente pelo webjornalismo, pode ser entendido na medida em que vive-se em uma sociedade que exige a informação de maneira imediata, na qual o jornal impresso já não supre todas as necessidades do público em geral, trazendo notícias do dia anterior, portanto já desatualizadas. Assim, o webjornalismo vem como resposta a uma demanda dos leitores, sendo uma fonte de notícia mais atualizada, publicada em tempo real.

É neste contexto que surge a clippagem digital como um serviço que seleciona, trata e dissemina esse tipo de informação, caracterizando-se como um serviço de disseminação seletiva da informação (DSI), coletando, processando e disponibilizando essas informações em curto espaço de tempo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A contextualização teórica desta pesquisa aborda os seguintes assuntos: webjornalismo em suas diversas formas – *sites*, blogs e Twitter – bem como seu uso como fonte de informação em bibliotecas. Foca, em especial, a utilização do *clipping* digital em bibliotecas para disseminar essas informações, o que permite dar maior embasamento e ajuda na elucidação da temática a ser desenvolvida neste estudo.

2.1 WEBJORNALISMO

Quando se fala em webjornalismo ou jornalismo na web muitos outros termos vêm agregados e, muitas vezes, são utilizados, mesmo que erroneamente, como sinônimos, entre eles: jornalismo eletrônico, jornalismo digital ou jornalismo multimídia, ciberjornalismo e jornalismo *on-line*. Porém, cada nomenclatura designa uma definição diferente. Pode-se ver claramente as delimitações terminológicas, observando o Quadro 1.

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i>
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo <i>online</i>	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a <i>web</i>

QUADRO 1: Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo.

Fonte: MIELNICZUK, 2003, p. 4.

Um jornalista contemporâneo, em sua rotina, depara-se com atividades que se enquadram em todas as nomenclaturas anteriormente definidas, por exemplo:

[...] ao consultar o arquivo da empresa na qual trabalha, o profissional poderá assistir a uma reportagem gravada em fita VHS (jornalismo eletrônico); usar o recurso do *e-mail* para comunicar-se com uma fonte ou mesmo com seu editor (jornalismo *online*); consultar a edição anual condensada – editada em CD-ROM – de um jornal (jornalismo digital); verificar dados armazenados no seu computador pessoal (ciberjornalismo); ler em *sites* noticiosos disponibilizados na *web* material que outros veículos já produziram sobre o assunto (webjornalismo). (MIELNICZUK, 2003, p. 5).

A Figura 1 ilustra a abrangência dos termos, no qual jornalismo eletrônico é o termo mais abrangente, enquanto webjornalismo é o menos abrangente.

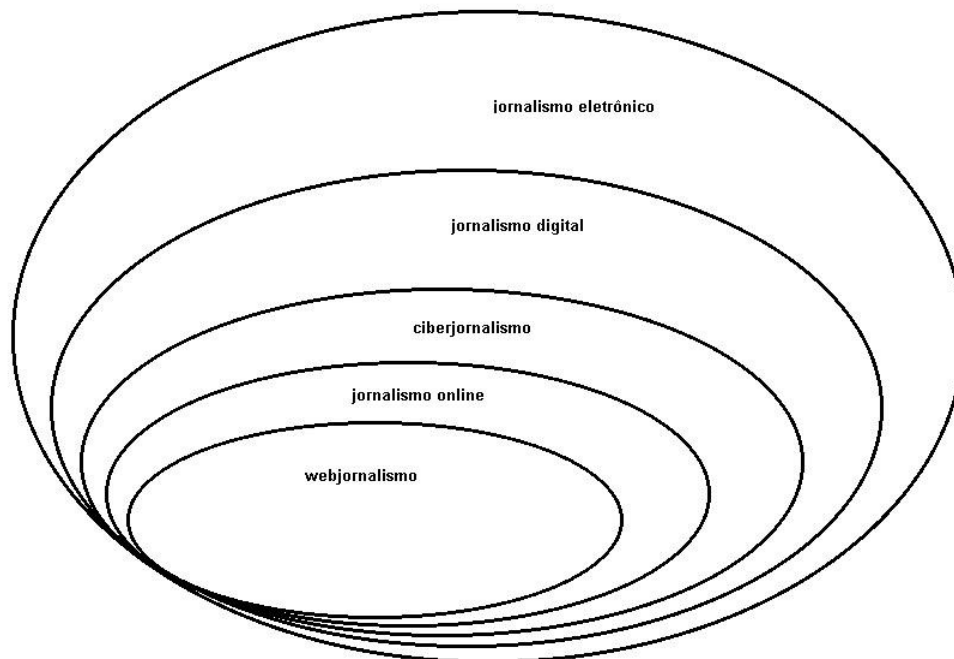


FIGURA 1: Esferas que ilustram a delimitação das terminologias.

Fonte: MIELNICZUK, 2003, p. 5.

Ainda não há, segundo Mielniczuk (2003, p. 11), uma terminologia que possa embasar os estudos sobre jornalismo na web “[...] visto que se trata de um objeto muito recente, a comunidade de pesquisadores ainda não possui um vocabulário comum que facilite e agilize o diálogo entre os estudiosos.”. Porém, a autora define o webjornalismo como o jornalismo desenvolvido somente na web, concordando com Canavilhas (2001) quando afirma que webjornalismo é o jornalismo no meio web, assim como o telejornalismo é o jornalismo desenvolvido na televisão e o radiojornalismo é o jornalismo desenvolvido no rádio.

Palácios (2002) também vai ao encontro das definições dos autores citados anteriormente, fazendo uso das expressões Jornalismo *On-line*, Webjornalismo e Jornalismo na Web para denominar a produção jornalística que utiliza como suporte a WWW (World Wide Web) da Internet. A única diferença perante os outros autores é que ele não faz distinção entre o termo Jornalismo *On-line* e o Webjornalismo ou Jornalismo Web, visto que o Webjornalismo ou Jornalismo Web

é uma forma de Jornalismo *On-line* que é um termo mais abrangente. No entanto, todos referem-se ao jornalismo praticado no suporte WWW.

Canavilhas (2001, *on-line*), por sua vez, defende que “[...] o chamado “jornalismo *on-line*” não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio”, enquanto que o webjornalismo “pode ser muito mais do que o atual jornalismo *on-line*”, pois oferece um produto completamente novo: a webnotícia, que pode explorar todo potencial que a internet oferece e possibilitar a convergência entre texto, som e imagem em movimento.

Se antes o jornalismo, classificado como *on-line*, era apenas uma transposição de outras formas de jornais já existentes, atualmente “[...] encontra-se em um estado de profunda integração dos recursos digitais incorporados aos seus processos de produção, tratamento e disseminação da informação” (LEMOS, 2001, p. 132-133), fazendo uso de diferentes recursos.

Essa evolução do webjornalismo pode ser explicada por meio de três momentos que representam mudanças marcantes no desenvolvimento de publicações, contudo esta divisão não é estanque, já que uma mesma publicação pode se enquadrar em diferentes momentos. Mielniczuk (2003) divide a trajetória percorrida pelos produtos jornalísticos desenvolvidos para web em três momentos: produtos de primeira geração ou fase da transposição; produtos de segunda geração ou fase da metáfora; e produtos de terceira geração ou fazer da exploração das características do suporte web.

No webjornalismo de primeira geração:

[...] os produtos oferecidos eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na Internet. É muito interessante observar as primeiras experiências realizadas: o que era chamado então de jornal *on-line* na *web* não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. Este parco material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso. Em alguns casos, como o do O Estado de S. Paulo, conforme pode ser observado em material de arquivo, referente ao primeiro ano de existência do jornal, eram disponibilizados também o conteúdo de

alguns cadernos semanais. Os produtos desta fase, em sua maioria, são simplesmente cópias para a *web* do conteúdo de jornais existentes no papel. A rotina de produção de notícias é totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos e parece não haver preocupações com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas. A disponibilização de informações jornalísticas na *web* fica restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo enquanto um meio que apresenta características específicas. (MIELNICZUK, 2003, p. 8).

Nessa geração, muitos dos conteúdos disponibilizados, mesmo sendo restritos, só podiam ser acessados por assinantes do jornal impresso ou, em outros casos, algumas matérias eram abertas, mas parte ainda era fechada para assinantes que possuíam um *login* que permitia ler todo o conteúdo.

No webjornalismo de segunda geração a autora aponta que:

[...] mesmo 'atrelado' ao modelo do jornal impresso, começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede. Nesta fase, o jornal impresso é utilizado como metáfora para a elaboração das interfaces dos produtos. Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as publicações para a *web* começam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como *links* com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o *e-mail* passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto; surge as seções 'últimas notícias'. A tendência, salvo exceções, ainda é a existência de produtos vinculados não só ao modelo do jornal impresso enquanto produto, mas também às empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso. (MIELNICZUK, 2003, p. 9).

É nessa geração que começam a serem inseridas ferramentas próprias da *web*, com as quais o usuário pode navegar pelas notícias e ainda interagir com elas. As agências liberam seus jornais para serem lidos na íntegra também por não assinantes.

No webjornalismo de terceira geração:

[...] o cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São *sites* jornalísticos que extrapolam a ideia de uma versão para a *web* de um jornal impresso já existente. Um dos primeiros e, talvez, principal exemplo desta situação seja a fusão entre a Microsoft e a NBC, uma empresa de informática e uma empresa jornalística de televisão, ocorrida em 1996 (Estado, 1997). O *www.msnbc.com* é um site de jornalismo, mas que não surgiu como decorrência da tradição e da experiência do jornalismo impresso. Nos produtos jornalísticos desta geração, é possível observar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela *web* para fins jornalísticos. Neste estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam: - recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; - recursos de interatividade, como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; - a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos; -atualização contínua no webjornal e não apenas na seção 'últimas notícias'. (MIELNICZUK, 2003, p. 9-10).

Nessa geração surgem webjornais desenvolvidos para o formato web, sem nenhuma relação com nenhuma agência produtora de jornais impresso. Com relação às características do webjornalismo, Palácios (2002) estabelece as seguintes:

- a) Multimedialidade/Convergência: refere-se ao uso de várias mídias tradicionais (imagem, texto e som) para narração de um fato jornalístico, numa situação de agregação e complementaridade;
- b) Interatividade: refere-se ao fato de fazer com que o leitor possa interagir com a notícia e assim sentir-se fazendo parte do processo jornalístico, através de comentários, fóruns de discussões, chats e até mesmo pela navegação pelo hipertexto;

- c) Hipertextualidade: refere-se a possibilidade de interconexão de textos, a partir de uma notícia é possível apontar textos, vídeos, sons, imagens complementares ou mesmo relacionadas com a notícia;
- d) Personalização/Customização de conteúdo: refere-se à possibilidade de configurar os produtos jornalísticos de acordo com os interesses individuais do leitor, para isto, alguns *sites* noticiosos permitem a pré-seleção de assuntos, sua hierarquização e a escolha do formato de apresentação visual da página;
- e) Memória: refere-se à facilidade de acesso a grandes quantidades de informações anteriormente produzidas - que com outras mídias, como a impressa, por exemplo, é mais difícil, devido ao volume e ao espaço que seria necessário para armazenar;
- f) Instantaneidade/Atualização contínua: refere-se à rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização das informações, que, por sua vez, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da web, possibilitando o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse.

Mielniczuk e Palacios (2001) apontam a hipertextualidade como uma importante característica do formato jornalístico *on-line*, visto que se trata de um padrão de organização da informação até então não utilizado na narrativa jornalística. O hipertexto, além de permitir em uma mesma tela a coexistência de textos, sons e imagens, “[...] tem como elemento inovador a possibilidade de interconexão quase instantânea através de *links*, não só entre partes de um mesmo texto, mas entre textos fisicamente dispersos, localizados em diferentes suportes e arquivos.” (MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 1).

Surge então, o jornalismo colaborativo, como é o caso dos *sites* de webjornalismo participativo Slashdot, Ohmy News, Wikinews e sua versão em português, o Wikinotícias, no qual todos podem escrever e editar os textos, o que representa uma mudança significativa no jornalismo como é, até então, entendido e praticado.

Muito dessa evolução deve-se a Web 2.0 que, segundo Primo (2007), potencializa as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes. Na Web 2.0, a ênfase deixa de ser na publicação e passa a ser na participação.

A web oferece diversos recursos para produção e disseminação de informações jornalísticas, como os *sites*, blogs, Twitter etc. A maioria das grandes empresas de produção de informação jornalística faz uso de todas as ferramentas e mídias possíveis, para não perder o reconhecimento adquirido através das mídias convencionais.

2.1.1 *Sites* noticiosos

Os *sites* noticiosos, além de transmitirem as notícias em tempo real ainda permitem a interação do leitor com a informação, apresentando-a em hipertextos e hiperlinks. Dessa maneira, o leitor pode, muitas vezes, ver uma mesma notícia em diferentes formatos: texto, imagens, sons, vídeos etc., e estes, por sua vez, podem remeter os leitores a outros *sites*. Ainda é possível que o usuário comente as notícias e, nos casos dos *sites* de webjornalismo colaborativo, escreva e edite o que outros já escreveram anteriormente.

Um fato a ser destacado é a preocupação de publicar em tempo real, o que pode, em alguns casos, comprometer a credibilidade da informação. Segundo Soster (2003, p. 354):

Ao se possibilitar [que] a existência de um número significativo de equívocos em um site noticioso, sejam eles simples problemas de digitação ou lapsos grosseiros de informação, acaba-se por gerar um ambiente em que o jornalismo relega a um segundo plano justamente o que vinha alimentando sua credibilidade até então: o rigor da informação.

O mesmo autor realizou um estudo no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2002, no *link* UOL Eleições 2002, e observou diversos erros nas matérias, sendo que apenas 15% não apresentavam nenhum erro. Mesmo com tantas matérias com erros, na maioria dos casos o texto original, com o equívoco, tende a permanecer veiculado no site. Com isto chegou à conclusão que “[...] os dados levantados sugerem a existência de um paradoxo: quando o assunto é webjornalismo, errar parece ser a regra.” (SOSTER, 2003, p. 356).

Sendo o *site* da UOL um dos mais respeitados da Internet brasileira e levando-se em consideração a relevância pública da temática, seria de se esperar um tratamento mais rigoroso da informação.

No entanto, o resultado da análise demonstrou que, não obstante a facilidade de veiculação e divulgação das informações em webjornais, a frequência dos erros neste suporte ocorre na mesma proporção em que as matérias são lançadas à rede. (SOSTER, 2003, p. 356).

Com os *sites* de jornalismo participativo também ocorrem equívocos, principalmente devido à prática de vandalismo cometida por alguns usuários, que mal intencionados apagam conteúdos escritos por outros e colocam propositadamente informações incorretas. Porém, *sites* de grande repercussão, como o Slashdot, possuem muitos usuários colaborando e uma equipe de moderadores e editores responsáveis por verificar a fidedignidade e a relevância das informações, publicá-las e aferir notas aos comentários.

O usuário interessado em publicar no Slashdot deve enviar as informações que deseja disponibilizar na página aos editores que, por sua vez, irão escolher as mais relevantes e publicar, selecionando os melhores ou mais atuais para a primeira página e dividindo o restante pelas diversas seções disponíveis na página. Os moderadores são definidos pelo sistema entre os utilizadores mais assíduos e com uma contribuição mais positiva. Estes pontuam os comentários e não podem comentar as discussões que estão mediando. Em virtude dessa

estrutura, os comentários mais pontuados são os mais fidedignos e relevantes e, em consequência, os mais lidos.

No caso do Slashdot, e em outros *sites* de grande visibilidade, devido a pressa de publicar em tempo real, informações falsas ou fidedignas são divulgadas, mas, rapidamente, são detectados pelos usuários, que podem comentar e, dependendo da credibilidade do *site*, este irá corrigir a falha. Porém, mesmo que o erro permaneça publicado, os próximos leitores saberão por meio dos comentários. É este fator que oferece a segurança e a credibilidade que muitos questionam, quando se fala em informação na web, e vai ao encontro dos inúmeros erros de matérias que são lançadas à rede.

Com tantos *sites* e uma incrível quantidade de informação veiculada na rede, novas ferramentas surgem para auxiliar os usuários. Ferramentas estas como o Google News e o Yahoo! News que reúnem em suas páginas matérias de diversos jornais e as disponibilizam para o usuário, levando em consideração suas preferências.

O Google News, por exemplo, possui mais de 40 edições regionais em diversos idiomas, cada uma com publicações destinadas ao seu respectivo público. O usuário ainda pode configurar a página da maneira que lhe convém, mantendo no topo os conteúdos que mais lhe interessam, podendo, também, mexer na interface da página e criar novas seções.

2.1.2 Blogs noticiosos

Os blogs são conhecidos como diários virtuais, devido à origem da palavra que deriva de weblog, uma junção das palavras web (rede) e log (diário de bordo utilizado por navegadores). Segundo Picchetti (2007, p. 32): “Um blog difere de um site especialmente na praticidade na hora de colocá-lo no ar.”, ou seja, é uma maneira mais fácil e mais econômica de publicar o que se quer e também de atualizar.

Segundo Christofolletti e Laux (2008), o blog surge nos anos 90 como um diário virtual, mas só anos depois é que os jornalistas percebem a possibilidade da mídia de um homem só. Muitos utilizam como uma alternativa para fazer coberturas independentes. Mais atualmente organizações jornalísticas e pessoas sem formação em jornalismo também fizeram seus blogs para divulgar notícias.

Blogs jornalísticos têm funcionado não apenas como versões eletrônicas de colunas impressas, mas também têm sido explorados em outras modalidades, seja como alternativa para profissionais que desejam oferecer coberturas independentes e não atreladas a grandes meios, seja como canal de experimentação de novos formatos e linguagens ou ainda como meios mais ágeis e com conteúdos privilegiados/exclusivos. (CRISTOFOLETTI; LAUX, 2008, p. 31).

É crescente a quantidade de blogs que atuam como fontes de informação para o jornalismo *on-line*. Para Christofolletti e Laux (2008, p. 31) “[...] o impacto dos blogs no jornalismo nacional ainda é bastante restrito, se formos comparar a realidade local com a de outros países, como os Estados Unidos.”. Neste país, os blogueiros são reconhecidos, credenciados em coletivas de imprensa e chegam a influenciar parte dos noticiários, enquanto que no Brasil, os jornalistas-blogueiros, que contam com maior notoriedade estão, geralmente, vinculados a grandes meios de comunicação.

Segundo Firmino Silva (2009, p. 257): “Dentro desse conjunto de novos fenômenos, estão os moblogs (a junção das palavras “móvel” e “blog”), que são blogs atualizados por meio do uso de tecnologias móveis digitais como celulares e smartphones [...]”. Desta maneira, profissionais e amadores podem atualizar seus blogs em tempo real e remotamente - não somente com textos, mas também com imagens e vídeos capturadas por esses aparelhos.

Quanto aos leitores de blogs, esses, ao contrário dos leitores de meios impressos, não são apenas receptores passivos de mensagens. Eles comentam as notícias e podem, inclusive, corrigir possíveis erros. Isto faz com que essas

ferramentas, que muitas vezes são questionadas sobre a fidedignidade das informações postadas, adquiram mais credibilidade perante seus leitores.

2.1.3 Twitter

O Twitter “[...] é uma ferramenta para micro-blogagem baseada em uma estrutura assimétrica de contatos, no compartilhamento de *links* e na possibilidade de busca em tempo real [...]” (SPYER, 2009, p. 8). Também pode ser explicado de maneira informal como “[...] uma mistura de blog e MSN [...]” (SPYER, 2009, p. 8), visto que é difícil elucidar o Twitter, por não ter nenhuma outra ferramenta parecida na web.

O Twitter apresenta-se com uma forma totalmente nova de postagem de informações imediatas, que nem os países com regime ditatorial tem conseguido controlar. Segundo Spyer (2009), notícias sobre os tremores de terra, que ocorreram em maio de 2008, na China, ganharam rapidamente o mundo por meio de usuários do Twitter, ainda que na China as notícias tenham que ser aprovadas para poderem ser divulgadas.

Com a rebelião popular iraniana, ocorrida em 2009, não foi diferente. Tanto assim que a Revista Época, publicada em 19/06/2009, levou o nome de “Irã 2.0” e a rebelião ficou conhecida como “Rebelião 2.0”. Enquanto o governo usava de força e de censura para tentar controlar os protestos, as mensagens, por meio do Twitter, ganhavam o mundo e faziam brotar um movimento mundial de solidariedade.

O Twitter tornou-se fundamental para o jornalismo. Profissionais ligados a veículos de comunicação fazem uso dele, não somente para divulgar notícias e matérias em primeira mão, mas, também, para buscar fontes de informação e observar a repercussão e o desdobramento de suas matérias.

As notícias também são produzidas pelos internautas, que passam a agir como canais noticiosos, através de seus blogs amadores, ‘tuitando’ e ‘retuitando’

notícias, que a mídia, muitas vezes, demora para veicular, visto que o internauta pode estar presente em um acontecimento que irá virar notícia, mas que as agências de jornalismo demoram a chegar e cobrir o ocorrido. Em um caso desses, o internauta divulga a notícias no Twitter e essa vai sendo 'retuitada' pelos seus seguidores, ganhando visibilidade e chegando mais rapidamente ao leitor do que as agências de notícias.

Com a necessidade dos leitores de quererem as informações o mais rápido possível e do jornalismo, de cada vez mais repassar as notícias em tempo real, não teria como o Twitter não ganhar a repercussão que ganhou. Por meio dele, é possível publicar e receber notícias via celular, sendo a ferramenta mais eficiente para a pesquisa de informações recentes - tornando-se, portanto, a maneira mais rápida de manter-se informado. Dessa maneira, era natural que as agências de jornais impressos, que já haviam aderido aos *sítes* e aos blogs para divulgar suas notícias com maior rapidez, criassem, também, uma conta no Twitter, como forma de acompanhar a concorrência.

2.2 WEBJORNALISMO E BIBLIOTECAS

Após o surgimento da Internet e a sua disseminação, percebe-se que a quantidade de informação lançada à rede diariamente é cada vez mais numerosa e crescente. Na Internet pode-se procurar, encontrar e obter o mais variado tipo de informação, esteja ela em bibliotecas digitais, bases de dados, ferramentas de busca, periódicos científicos, e-books, publicações de acesso livre (RODRIGUES; CRESPO, 2006).

Porém, no entender de Rowley (2002, p. 189): "Os recursos disponíveis na Internet mudam constantemente, de modo que qualquer lista que se faça estará sujeita à rápida obsolescência.". Cendón concorda com essa ideia, afirmando que: "Todos os que têm alguma experiência no uso da Internet sabem que não é possível listar seus recursos de forma exaustiva e atualizada." (2007, p. 275), visto

que, constantemente, surgem novos recursos e estes, além de serem muitos, fazem com que qualquer pretensão de listá-los torne a informação desatualizada em pouco tempo.

Novas maneiras de oferecer acesso às informações surgiram e continuam surgindo, portanto, as bibliotecas e os bibliotecários devem adaptar-se e estarem preparados para essas mudanças. Contudo, segundo Maness (2007, p. 44): “Os bibliotecários estão apenas começando a conhecer e escrever sobre isso [...]”.

Para as bibliotecas que utilizam as ferramentas da Web 2.0 para uso nos serviços e nas suas coleções surge a expressão “Biblioteca 2.0”. Maness (2007, p. 44) define a “Biblioteca 2.0” como “[...] a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em *web* para serviços e coleções de bibliotecas baseados em *web* [...]”.

Porém, ainda há muito que evoluir. Algumas bibliotecas já estão migrando para a Web 2.0, mas este movimento está só começando. Assim como a Web 2.0, a Biblioteca 2.0 também se foca nos usuários. Portanto, os serviços e a interação com o usuário devem ser oferecidos remotamente, já que a tecnologia atual assim permite, bem como é possível e desejável possibilitar a interação do usuário a estes serviços, abrindo um novo canal de comunicação da biblioteca com seus usuários.

Com a Biblioteca 2.0, pode haver a possibilidade de o usuário adequar os serviços por ela oferecido para melhor atender suas próprias necessidades. Por sua vez, a biblioteca deve estar atenta aos desejos do usuário e melhorar os seus serviços. Neste sentido, podem ser oferecidos serviços de referência virtual e textos em formato eletrônico, possibilitando e facilitando o acesso remoto, no qual vários usuários podem acessar o mesmo material ao mesmo tempo. Além do acesso remoto, outras grandes vantagens da disponibilização de informações na *web*, por parte das bibliotecas, é que o espaço virtual é muitas vezes maior que o espaço físico disponível na biblioteca e que não existem limites geográficos nem para o acesso e muito menos para a disponibilização da informação.

Se as agências de notícia, conhecidas por ter como foco principal a veiculação de informação, já fazem uso da Web 2.0, as bibliotecas também devem

fazer, selecionando informações disponíveis na Internet e as tornando acessíveis aos seus usuários, cumprindo, desta forma, o papel de disseminadora da informação, levando ao seu usuário informação atualizada, em tempo real e com acesso facilitado.

Os jornais e os webjornais são importantes fontes de informação e, cada vez mais, se utilizam de ferramentas não específicas do jornalismo digital, como blogs, Twitter, para interagir com seu público-alvo. Também as bibliotecas, a cada dia mais usam estes canais de comunicação e de interação.

Dentre as ferramentas que o Jornalismo se utiliza, há uma que lhe é típica, que é o *clipping* de notícias, também muito utilizado pela área de Relações Públicas e que pode ser vista como um ótimo serviço para ser adotada nas bibliotecas, com o objetivo de divulgar notícias jornalísticas do interesse do seu público-alvo. Algumas bibliotecas já oferecem esse serviço, porém um breve levantamento prévio feito pela pesquisadora, como forma de consolidar este estudo, mostrou que essa prática acontece em pouquíssimas unidades de informação ainda. Verificou-se que algumas fazem uso do *clipping* de jornais em formato impresso, mas quando se trata de fazê-lo em formato eletrônico, esse número cai ainda mais.

2.3 CLIPPING E BIBLIOTECAS

O termo *clipping* vem do verbo inglês *clip*, que significa cortar, recortar. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Monitoramento de Informação (AMEBO):

Para a produção do *clipping*, é feito um trabalho de pesquisa, seleção e coleta de matérias e/ou reportagens veiculadas pelos diversos meios de comunicação - imprensa escrita (Jornais & Revistas), Rádio, TV e Internet - que atendam a determinados critérios previamente estabelecidos. Originariamente, o *clipping* era

montado somente com recortes de jornais e revistas. (2008, *online*).

O *clipping* digital pode ser visto como um serviço de disseminação seletiva da informação (DSI), visto que seleciona conteúdo de webjornalismo de acordo com o perfil dos usuários. Algumas bibliotecas oferecem Serviços de Alerta e tecnologia Rich Site Summary (RSS) para que cada usuário, em particular, possa escolher os conteúdos que são de interesse e que deseja receber. Segundo Eirão (2009, p. 23), “O grande trunfo da DSI e do RSS reside no poder conferido ao usuário em decidir o que deseja ou não receber.”

As hemerotecas são geralmente constituídas de recortes de jornais impressos. No caso das digitais, elas, muitas vezes, são constituídas de jornais impressos digitalizados e disponibilizados virtualmente, com o intuito de disseminar a informação e também preservar o documento físico. Este é o caso da Hemeroteca Digitalizada da Biblioteca Amadeu Amaral, pertencente ao Centro Nacional de Folclore Popular, órgão ligado a Fundação Nacional e Artes (Funarte), que disponibiliza eletronicamente 60 mil recortes sobre folclore e cultura popular.

Segundo a responsável pelo projeto e a chefe da biblioteca, as bibliotecárias Luciana de Noronha Versiani e Marisa Colnago Coelho (p. 13):

O tratamento das coleções de recortes de periódicos sempre representou um desafio para os profissionais que lidam com a organização de documentos. A dificuldade de manuseio dos recortes, em geral, provoca grande desestímulo e restringe o interesse do público pelos periódicos enquanto fonte de pesquisa. Antes da digitalização, a hemeroteca da BAA tinha suas consultas restritas ao material tratado, que também não era amplamente ofertado, pois, na busca de sua preservação apenas os especialistas tinham acesso aos recortes já indexados. Com a facilitação das consultas, ocorreu significativo aumento na procura de informações contidas nessa documentação, o que também acarretou a ampliação de doações, em função da divulgação da existência do acervo.

Com isso, as bibliotecárias da Biblioteca Amadeu Amaral ilustram a receptividade que há por parte dos usuários de materiais disponibilizados na Internet. Além da comodidade do material ser acessado remotamente, ainda há a vantagem do não manuseio físico do material, no qual os usuários não apresentavam muito interesse, devido à dificuldade do manejo de recortes principalmente os mais antigos.

A biblioteca do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), de Pernambuco, criou o serviço “Informail”, o qual seleciona conteúdos a partir do webjornalismo e enviam o *clipping* virtual via e-mail para seus usuários. Entre os tipos de conteúdos que constam no Informail estão: manchetes dos principais jornais locais, *link* para cada manchete relacionada, *links* para os *sites* de grandes jornais de outros estados, manchete das revistas Veja e Época.

Segundo os bibliotecários Fábio Mascarenhas e Pascale Malinconico (2000), que realizaram uma pesquisa para avaliar o serviço, 95% dos usuários aprovam e desejam continuar recebendo o Informail e 29% afirmam direcionar o Informail para outras instituições. Observando a satisfação dos usuários perante os serviços de *clipping* oferecidos pela Hemeroteca Digitalizada da Biblioteca Amadeu Amaral e pela Biblioteca Amadeu Amaral vê-se que é um serviço inovador que, a pesar de não ser oferecido por muitas bibliotecas, tem uma avaliação positiva por parte dos usuários que dele usufruem.

2.4 BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

A Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho é a biblioteca do Senado Federal e tem como principais usuários os Deputados e os Senadores. Segundo informações retiradas do site da Biblioteca (2001), esta tem por objetivo suprir as necessidades de informação dos parlamentares, especialmente no processo de elaboração das leis, na participação na tribuna e na construção das instituições nacionais.

Dessa maneira, a Biblioteca é fundamental para a tomada de decisões com confiabilidade, constituindo-se no subsídio estratégico à ação parlamentar, dentro da perspectiva de que serviços de informações de qualidade são capazes de aumentar a credibilidade e a eficácia do Legislativo junto ao cidadão brasileiro. Para isso mostra aos seus usuários os caminhos para a informação que dispõe em suas prateleiras e bancos de dados.

A primeira sede da Biblioteca do Senado Federal situou-se no Paço do Senado Federal, no Rio de Janeiro, anexo à sede do Palácio Conde dos Arcos, lá permanecendo até 1924, quando se mudou para o Palácio Monroe, onde ficou até 1960. Quando ocorreu a mudança da Capital da República do Rio de Janeiro para Brasília, ela foi transferida para o Palácio do Congresso Nacional, no ano de 1961.

Durante a Presidência do Senado Federal do Dr. Manuel Vitorino (1895-1899) a Biblioteca recebeu um de seus maiores impulsos. Esse propôs a construção de uma nova sala para a Biblioteca, no Paço do Senado Federal e publicou o primeiro catálogo da Biblioteca, sob a direção de R. Vila-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional, requisitado para essa finalidade.

No ano de 1968, na Presidência do Senador Gilberto Marinho, foi nomeada a primeira bibliotecária para dirigir a Biblioteca: Adélia Leite Coelho, sendo assim reconhecida na instituição a Lei 4.084 de 1962, que prevê o direito exclusivo do bibliotecário de exercer a chefia em bibliotecas.

Sob a presidência do Senador Luiz Vianda Filho, no ano de 1979, a Biblioteca passa a denominar-se “Biblioteca Luiz Vianda Filho”, devido a ampliação e melhoras nas instalações por ele proporcionadas.

A Biblioteca assumiu a responsabilidade pela edição regular da Bibliografia Brasileira de Direito, em 1986, por solicitação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT. Em 12 de março de 1997, é lançada a página da Biblioteca na Internet, disponibilizando o seu catálogo geral, incluindo livros, revistas, recortes de jornais e obras raras.

Inauguram-se, em abril de 1999, as novas instalações da Biblioteca, que passa a ocupar uma área de 3250 m² contendo: sala privativa para senadores; sala privativa para consultores, assessores e diretores; auditório com capacidade

para 60 pessoas; sala para consulta ao acervo digital e Internet; aumento de 80% de assento na sala de leitura; aumento de 30% de estantes fixas para livros e periódicos; aumento de 60% de estantes deslizantes/automáticas para jornais; aumento de 100% de estantes deslizantes/automáticas para as coleções especiais.

Em dezembro do mesmo ano, a Comissão Diretora, sob a Presidência do Senador Antônio Carlos Magalhães, aprova a aquisição e a implementação do novo sistema de gerência automatizada de informações para a Biblioteca do Senado Federal, substituindo o antigo sistema SABI, desenvolvido pelo PRODASEN em 1972. Em 16 de dezembro de 2000, instala-se a Rede Virtual de Bibliotecas - Congresso Nacional - RVBI, utilizando o sistema ALEPH, que abrange 15 bibliotecas, incluindo a da Câmara dos Deputados, de tribunais superiores, ministérios e órgãos públicos do Distrito Federal.

Como já foi descrito anteriormente, desde 1986 a Biblioteca do Senado Federal é responsável pela edição da Bibliografia Brasileira de Direito - BBD. Em 1996, lançou uma versão em CD-ROM, procurando colocar à disposição da sociedade formas mais eficazes de armazenamento e recuperação da informação.

Implanta-se, em maio de 2001, no *site* da Biblioteca, a primeira versão da Coleção Digital da Biblioteca, disponibilizando texto completo digitalizado de várias obras de domínio público, trechos digitalizados de capas, folhas de rosto e litogravuras da coleção de obras raras e o acesso ao texto completo, quando autorizado, de revistas, jornais e bases de dados disponíveis na Internet.

Atualmente, a Biblioteca Digital armazena, divulga e dá acesso à produção intelectual dos servidores do Senado Federal, entre outros documentos de interesse do Poder Legislativo, em formato digital, proporcionando segurança e preservação da informação, maior visibilidade na Internet, maior rastreabilidade em mecanismos de busca e rápida disseminação do conhecimento. Entre as coleções disponíveis na Biblioteca Digital do Senado estão:

- a) Produção institucional;
- b) Direitos do cidadão;
- c) Acessibilidade;

- d) Constituinte nos jornais;
- e) Banco de notícias;
- f) Obras raras;
- g) Periódicos;
- h) Publicações externas;
- i) Senadores.

A Biblioteca Digital do Senado Federal faz uso do *software* DSpace para captura, distribuição e preservação das informações de interesse digitais de interesse do Poder Legislativo. O DSpace “[...] atualmente está sendo o software para construção de repositórios institucionais mais usado internacionalmente.” (VIANA; MÁRDERO ARELLANO; SHINTAKU, 2005, p. 7).

Entre as características do DSpace estão (VIANA; MÁRDERO ARELLANO; SHINTAKU, 2005; BLATTMANN; WEBER, 2008):

- a) ser um software livre;
- b) sua arquitetura de software é simples e eficiente;
- c) uso de tecnologia de ponta;
- d) direcionado para o acesso aberto;
- e) intencionalmente implementado para servir de repositório.

O DSpace utiliza o padrão Dublin Core para descrição dos registros, com todos seus elementos e qualificadores, porém sua configuração completa é opcional. No caso da Biblioteca Digital do Senado Federal os qualificadores são utilizados para uma descrição mais detalhada.

A Biblioteca do Senado seleciona e indexa artigos de jornais desde 1974. Antes de fazer o *clipping* digital, a biblioteca já fazia o *clipping* de jornais impresso, possuindo atualmente 60 mil exemplares de jornais e 3 milhões de recortes, selecionados de 12 jornais: O Globo, O Dia, Jornal do Brasil, Tribuna do Brasil, Tribuna da Imprensa, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Gazeta Mercantil, Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Valor Econômico.

No entanto, somente em 2004 foi implantado o Banco de Notícias, que faz uso do *clipping* digital, incluindo artigos de jornais em texto completo. O Banco de notícias possuía, na ocasião do levantamento feito para esta pesquisa, 129.300

textos selecionados de webjornais e disponibilizados remotamente na Biblioteca Digital para seus usuários.

O Banco de Notícias agiliza a forma de acesso, recuperação e armazenamento das informações jornalísticas processadas pela Biblioteca e devido a atualidade das informações. Essa coleção de recortes de jornais é uma das mais utilizadas pelos usuários da Biblioteca do Senado (BIBLIOTECA..., 2001, *on-line*).

Os *clippings*, tanto digitais como impressos, são elaborados pelo Serviço de Processamento de Jornais (SEJOR), vinculados à própria Biblioteca do Senado. Esse serviço é fundamental para os usuários dessa biblioteca em particular, pois, como já foi dito, é uma coleção muito utilizada. Contudo usuários de outras bibliotecas também têm a necessidade desses recortes, mesmo que as bibliotecas que frequentam não ofereça.

2.5 CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA AVALIAR FONTES DE INFORMAÇÃO NA INTERNET

Com a explosão da Internet as pessoas passaram a ter a possibilidade de acessar milhares de informações, porém com essa gama de informação surgiram junto as de pouca ou nenhuma qualidade. Esta proliferação de informação fez com que alguns estudiosos passassem a preocupar-se em definir critérios que possibilitassem a avaliação da qualidade das informações e a facilidade ao acesso a estes documentos eletrônicos.

Nesta linha, Mostafa e Terra (1998), em seu artigo sobre fontes eletrônicas de informação, comenta sobre a avaliação de páginas web focando, em especial, a grande quantidade e variedade de literatura sobre avaliação de fontes eletrônicas, que de certo modo, cada um a sua maneira, seguem uma mesma linha de critério:

Bem ou mal, essa enorme massa de literatura de avaliação de fontes eletrônicas abrange em maior ou menor grau os cinco critérios de avaliação de fontes impressas tão conhecidos dos bibliotecários: acuidade, autoridade, objetividade, atualização e cobertura. Claro que adaptados para o meio eletrônico. Com esses critérios, quer-se assegurar a confiabilidade da fonte em termos das credenciais de autor e editor; somam-se, aos elementos pretextuais como autor, título, editora e data de edição, outros elementos agora propriamente eletrônicos como nível de interatividade da página (ou fonte) – já que a Internet é um ambiente interativo – e o nível de metainformação da mesma (já que uma das peculiaridades da informação virtual é a diluição das fronteiras entre informação e catálogo ou índice; o catálogo também é um documento). (MOSTAFA; TERRA, 1998, p. 55)

Mais tarde, Ohira, Schenquel e Silveira (2003) também relacionam autores e trabalhos que tratam de critérios para avaliação de páginas web, nesse levantamento destacaram-se como mais significativos os estudos de Barboza et al. (2000); Fernández (2000); Tomaél et al. (2000); Amaral e Guimarães (2000 e 2002); Brodbeck (2002); Marcondes e Jardim (2002); Andrade et al. (2002); Garcia de León e Garrido Diaz (2002). Nessa publicação, de 2003, Tomaél et al. (2000) já consta entre os autores mais significativos que tratam de critérios para avaliação de páginas na Internet.

Para medir o nível de qualidade dos web *sites* Barboza et al. (2000) adotaram parâmetros quantitativos, de maneira que o S (sim) foi interpretado como estar em conformidade com os critérios estabelecidos e o N (não) como não estar em conformidade com aqueles critérios. Os critérios utilizados pelos autores foram: abrangência e propósito, conteúdo, planejamento visual/gráfico (*webdesing*) e funcionalidade.

Fernández (2000 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) leva em conta as funções próprias dos organismos envolvidos. Seus parâmetros para avaliação são agrupados em dois níveis: análise da forma e análise de conteúdo.

Por sua vez, Amaral e Guimarães (2000 e 2002 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) agrupam os critérios em seis funções:

informacional, promocional, instrucional, referencial, de pesquisa e de comunicação.

Brodbeck (2002 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) ministra a disciplina de avaliação de *sites web*, no Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de habilitar os participantes a avaliar *sites web* desenvolveu um formulário que agrupa os critérios a serem avaliados em: tempo de carga do *site*, aparência do *site (layout)*, estrutura de navegação, conteúdo, usabilidade e objetivos gerais de *design*.

Por Marcondes e Jardim (2002 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) foram avaliados programas/ações governamentais da administração pública federal que tem a Internet como um de seus instrumentos, através da avaliação dos respectivos *sites*. Os critérios propostos são: concepção do *site*, serviços/recursos disponibilizados, transparência administrativa, políticas de informação e dados sobre *sites* da Administração Pública Federal agrupados em: dados de identificação, sobre a navegabilidade, sobre o conteúdo de recursos informacionais/serviços e sobre seus *links* para outros *sites*.

Andrade et al. (2002 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) avaliaram *sites* de instituições de ensino superior de Minas Gerais que oferecem curso de Direito. Para isso analisaram os mesmos sob os seguinte aspectos: acesso ao *site*, produtos *on-line*, serviços *on-line*, acervo *on-line*, informações gerais e apresentação do *site*.

Garcia de León e Garrido Diaz (2002 apud OHIRA; SCHENQUEL; SILVEIRA, 2003) definem como critérios para avaliação de *sites*: estrutura, objetivos, conhecimento da audiência e adequação, credibilidade, conteúdo e valor agregado, acessibilidade, recuperação, impacto, desenho e intervenção com o usuário.

No entanto parece que Tomaél et al. (2004) foram os pesquisadores que desenvolveram critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na Internet mais pertinentes à área da Ciência da Informação. Seus critérios passaram a ser adotados sistematicamente por outros pesquisadores interessados, como pode ser confirmado em Sales e Almeida (2007), que também definem critérios, mas

baseados nos de Tomaél et al., ou, ainda, em Vitorino et al. (2007), que utilizam os critérios de Tomaél et al. (2004) para avaliar fontes de informação em Educação a distância.

Esse levantamento mostrou que os critérios de Tomaél et al. (2004) não só eram adequados para serem aplicados a pesquisas como estas, como também eram reconhecidos como consistentes para avaliar fontes eletrônicas de informação. Os critérios por elas definidos estão divididos em dez itens:

- a) informações de identificação: dados detalhados do responsável pelo *site* de forma a identificá-lo plenamente, endereço eletrônico definido de forma clara e objetiva a autoria, título da fonte claro, preciso e informativo, objetivos da fonte informando a que público destina-se;
- b) consistência das informações: detalhamento e completeza das informações que fornecem, cobertura, validade do conteúdo, isto é, sua utilidade em relação aos propósitos do usuário final, resumo ou informações complementares;
- c) confiabilidade das informações: investiga a autoria ou responsabilidade, dados completos de autoria como mantenedor da fonte, verificação de datas como quando foi produzida, se está atualizada e quando;
- d) adequação da fonte: coerência do *site* onde a fonte estiver localizada com seu propósito ou assunto, coerência com seus objetivos e o público a que se destina;
- e) *links*: internos e externos, clareza para onde conduzem, tipos disponíveis, como anexos e informações complementares, para outras páginas;
- f) facilidade de uso: facilidade para explorar e navegar no documento, quantidade de cliques para acessar a fonte e a informação, disponibilidade de pesquisa na fonte, recursos auxiliares à pesquisa;
- g) *layout* da fonte: tipos de mídias utilizadas, coerência na utilização da fonte, como na estética da página, tamanho da letra e cor, *design* do menu;

- h) restrições percebidas: situações que ocorrem durante o acesso e que podem restringir ou desestimular o uso da fonte;
- i) suporte ao usuário: elementos que fornecem auxílio aos usuários e que são importantes no uso da fonte como contato com o produtor da fonte e informações de ajuda (*help*);
- j) outras observações percebidas: recursos que auxiliam o deficiente no uso da fonte, opção de consulta em outras línguas etc.

Por meio desses critérios é possível reduzir as incertezas e dúvidas em relação aos problemas da confiabilidade das informações na Internet, visto que essa se tornou uma ferramenta fundamental para os profissionais da informação.

3 METODOLOGIA

A metodologia que segue se propõe a explicar como se conduziu a pesquisa. Segundo Pescuma e Castilho (2005, p. 2): “Pesquisa é um conjunto de atividades, tais como buscar informações, explorar, inquirir, investigar, indagar, argumentar e contra-argumentar.”. Faz uso de procedimentos próprios, racionais, sistemáticos, intensivos, científicos que possibilitam o confronto entre teoria e prática. Para Gil ela “[...] tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” (2002, p. 17).

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: a primeira relacionada ao levantamento e a análise dos documentos que compõem a contextualização teórica. Para tal, o pesquisador teve que procurar literaturas relevantes e atuais (FIGUEIREDO, 2004). A segunda refere-se à aplicação do instrumento de coleta de dados, bem como a análise e a crítica dos dados, examinados também sob a ótica de autores que tratam dos itens avaliados.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A metodologia adotada foi de cunho qualitativo. Segundo Figueiredo:

As pesquisas qualitativas trabalham com dados não quantificáveis, coletam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos, que não necessitam tanto de uma estrutura, mas em compensação requerem o envolvimento o pesquisador ao máximo. (2004, p. 107).

Oliveira explica que o método qualitativo difere do quantitativo “[...] pelo fato de não empregar dados estatísticos como centro do processo de análise de um

problema [...] não tem a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.” (1997, p. 116).

3.2 TIPO DE PESQUISA

Quanto ao tipo de investigação, classificou-se como pesquisa exploratória, pois segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa visa desenvolver maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses. “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.” (GIL, 2002, p. 41).

3.3 SUJEITO DA PESQUISA

O sujeito dessa pesquisa foi o Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado, desenvolvido pelo Serviço de Processamento de Jornais (SEJOR), da Biblioteca do Senado, como já contextualizado no item 2.4 desse trabalho. Em alguns itens mais gerais a avaliação abrangeu a Biblioteca Digital do Senado como um todo, visto que as ferramentas disponíveis no repositório muitas vezes abrangem toda a base, não especificando apenas o Banco de Notícias.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como instrumentos de coleta de dados foram construídos, inicialmente, um formulário e um questionário, este para ser posteriormente enviado via e-mail. O formulário foi composto por campos que indicavam itens a serem levantados com vistas a uma posterior avaliação do banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal. Para construção do formulário tomou-se como base os critérios para avaliação de fontes de informação na internet, elaborados por Tomáel et al. (2004), pelos motivos expostos no item 2.5 deste trabalho, adequando-se os critérios conforme a necessidade da pesquisa.

Quanto ao questionário, com questões que esclareceriam alguns pontos que estavam difíceis de serem observados diretamente no sujeito da pesquisa, não foi possível utilizá-lo, conforme comentado no item 3.7 Limitações da Pesquisa e no item 5 Conclusões e Sugestões.

Tendo em vista esta problemática, buscou-se uma forma alternativa de coleta de dados que pudessem dar conta do objetivo da pesquisa. A forma alternativa encontrada foi a análise da documentação publicada referente ao objeto em questão, ou seja informações veiculadas pela imprensa ou publicadas em artigos ou mesmo entrevistas dada pelos responsáveis pelo Banco de Notícias que possibilitassem cobrir ao máximo as lacunas encontradas.

3.5 COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados ocorreu mediante a aplicação do formulário para verificação dos itens desejados no Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado, cuja URL é: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1119>, e por meio da coleta de conteúdo feita com notícia publicada durante a realização da pesquisa a respeito da digitalização do acervo anterior a 2004 (COSTA, 2010).

“A análise dos conteúdos coletados e organizados passa primeiramente pela etapa do recorte [...]” (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2004, p. 75), esses recortes devem alcançar o sentido profundo do conteúdo ou passar ao largo as ideias essenciais. Ambas as coletas ocorreram entre os meses de agosto e setembro de 2010.

3.6 ANÁLISE E CRÍTICA DOS DADOS

A análise dos dados foi feita de forma manual, tendo em vista que os dados previstos para serem coletados não eram em grande quantidade. A crítica dos mesmos levará em consideração as ideias dos autores citados na contextualização teórica e de alguns outros autores que ainda não haviam sido citados, mas que são relevantes para a análise.

3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A grande limitação detectada na pesquisa refere-se à pouca bibliografia encontrada a respeito de *clipping*, principalmente tratando-se do seu uso em bibliotecas. Outra limitação tem a ver com a distância geográfica, que não permitiu a pesquisadora realizar a pesquisa *in loco*, não podendo fazer uso de entrevista. O fato de o questionário enviado via e-mail não ter sido respondido também se caracterizou como uma limitação da pesquisa.

Esse instrumento foi, primeiramente, enviado, via e-mail, para o SEJOR, em 23 de agosto, pedindo que retornassem até 31 de agosto. Como esse não foi respondido enviou-se, em 3 de setembro, para a Diretora da BSF, solicitando-se que caso não fosse possível ela responder que encaminhasse para quem o pudesse até dia 15 de setembro, porém esse e-mail também não foi respondido,

mesmo quando enviado novamente. Tendo em vista o não atendimento à solicitação feita, a pesar de se ter procurado mostrar a importância da pesquisa e de se ter ampliado prazos e insistido com o retorno das respostas, decidiu-se pelo levantamento de informações em outras fontes, conforme indicado em 3.4.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Como se tratava de uma pesquisa qualitativa, a apresentação dos resultados foi realizada através da análise e da interpretação do material obtido durante a pesquisa, utilizaram-se como base as informações coletadas através do instrumento construído e da análise de conteúdo feita com notícia publicada durante a realização da pesquisa a respeito da digitalização do acervo anterior a 2004 (COTA, 2010). O instrumento construído, um formulário, tomou como base os critérios para avaliar fontes de informação na Internet, elaborados por Tomaél et al. (2004), adequando-se os critérios conforme a necessidade da pesquisa. Após a aplicação do formulário, com os critérios já definidos, foi desenvolvida a análise dos dados recolhidos.

4.1 INFORMAÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Foram analisados os itens que possibilitaram a identificação do sujeito de pesquisa, no caso também nossa fonte. Verificou-se que apresentava título adequado, completo, descritivo, preciso e informativo: “Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF): Banco de Notícias (Bnot)”, deixando claro para o usuário as informações a que esse virá encontrar.

A fonte apresenta definição clara e objetiva da autoria; a instituição responsável pelo desenvolvimento da fonte; bem como o setor; o e-mail específico da fonte; bem como o telefone; e os objetivos que informam a que público se destina:

A Biblioteca Digital armazena, preserva, divulga e dá acesso à produção intelectual dos servidores do Senado Federal, entre outros documentos de interesse do Poder Legislativo, em formato

digital. A BDSF propicia a segurança e preservação da informação, maior visibilidade na internet, maior rastreabilidade em mecanismos de busca e rápida disseminação do conhecimento. (BIBLIOTECA..., 2001, *on-line*)

Outras informações importantes sobre a fonte em questão tratam de breve histórico, dados sobre o acervo de recortes, bem como questões como recuperação e armazenamento, conforme pode ser conferido a seguir:

Desde 1974, a Biblioteca do Senado seleciona e indexa artigos de jornais. A coleção possui, atualmente, mais de 60 mil exemplares de jornais e 3 milhões de recortes, selecionados de 12 jornais: O Globo, O Dia, Jornal do Brasil, Tribuna do Brasil, Tribuna da Imprensa, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Gazeta Mercantil, Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Valor Econômico. Os recortes estão classificados em cerca de 6 mil assuntos, organizados em pastas. Desde 1987, por ocasião da instalação da Assembléia Nacional Constituinte, foi criado o banco de dados JORN, reunindo artigos de interesse do Senado Federal. A partir de 2004, foi implantado o Banco de Notícias (Bnot), que inclui artigos de jornais em texto completo. Esse banco agiliza a forma de acesso, recuperação e armazenamento das informações jornalísticas processadas pela Biblioteca. Pela atualidade de suas informações, a coleção de jornais é uma das coleções mais utilizadas pelos usuários da Biblioteca do Senado. (BIBLIOTECA..., 2001, *on-line*)

As informações de identificação são fundamentais para que uma fonte tenha credibilidade. Segundo Tomaél et al. (2004, p. 23): “Para avaliar uma fonte é fundamental identificar o indivíduo ou instituição responsável por sua compilação.”. Portanto não é possível confiar nas informações disponibilizadas por uma instituição ou pessoa que não assine e nem responda pelas informações que dissemina. O que não ocorre com a fonte estudada, no qual as informações de identificação foram encontradas com facilidade, atribuindo credibilidade a fonte.

4.2 CONSISTÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Neste item foram detalhadas as informações que o Banco de Notícias fornece. Algumas notícias possuem um pequeno resumo, mas esse padrão não segue em todos os registros.

A cobertura, que abrange informações de recortes digitais (*clipping* eletrônico) de jornais e revistas brasileiros, dividida em oito coleções: Correio Braziliense, Folha de São Paulo, Gazeta Mercantil, Jornal do Brasil, Notícias de Revistas, O Estado de São Paulo, O Globo e Valor Econômico

A informação é apresentada através do recorte da notícia e anexada ao registro, não oferecendo link para a notícia original. Porém, há referência para que o usuário possa buscar a informação original, caso lhe seja de interesse. O fato de a notícia estar anexada ao registro permite que a informação fique preservada, mesmo que a página original da notícia saia do ar.

Se a notícia fosse unicamente acessada via *link*, poderia ocorrer de a informação se perder com o tempo. Além do registro, no cabeçalho da notícia também há as principais informações a respeito da publicação, conforme exemplo abaixo:

Título: Dilma intensifica agenda para reverter desvantagem em SC

Autor: Pitthan, Júlia

Fonte: Valor Econômico, 13/08/2010, Política, p. A8.

4.3 CONFIABILIDADE DAS INFORMAÇÕES

A Biblioteca do Senado Federal é uma instituição reconhecida e muito respeitada, principalmente no meio jurídico. Isso se deve, não somente ao fato de

ser subordinada a um dos principais órgãos do Governo Federal, mas também pelo reconhecimento das atividades que desempenha e pelos produtos que desenvolve, como a Bibliografia Brasileira de Direito (BBD), o Rede Virtual de Bibliotecas (RVBI) e a própria Biblioteca Digital, servindo de referência para outras bibliotecas jurídicas.

Como já foi avaliado no item “Informações de Identificação” são fornecidos dados completos da instituição mantenedora. Tanto do Senado Federal representando o órgão maior, quanto da Biblioteca e da Biblioteca Digital.

A fonte é atualizada diariamente, a primeira notícia com o recorte da web data de 04/02/2004, porém também são disponibilizadas notícias digitalizadas desde 27/03/1979 que fazem parte do acervo de recortes das versões impressas.

Se as coleções antigas estão sendo digitalizadas é porque ainda há interesse por parte dos usuários em utilizá-las, dada à relevância das informações contidas nesses documentos. Segundo resultado da pesquisa do Oberhofer (1991, p. 128) “[...] o valor da informação não está necessariamente associado à idade do Objeto em que foi publicada.” Ele ainda explica que: “Quando se considera a obsolescência da informação, deve-se questionar se a informação perde a sua utilidade apenas em função de seu envelhecimento.” (OBERHOFER, 1991, p. 121).

Se as informações antigas são importante, tão ou até mais são as informações atualizadas, principalmente quando se trata de notícias. O repositório perderia sua razão de existir se não fosse atualizado, se depois de criado não fosse alimentado com novas informações e notícias. Segundo Amaral (1996, p. 9):

Cada vez mais, a informação precisa e atualizada torna-se indispensável à realização de cada projeto. Por essa razão, as organizações técnico-científicas necessitam de um organismo que efetivamente selecione, capte, processe, armazene e divulgue satisfatoriamente as informações necessárias ao desenvolvimento de suas atividades, de modo que a recuperação das informações ocorra em tempo hábil, satisfazendo efetivamente a demanda informacional específica de cada organização e de cada usuário.

Portanto uma base desatualizada compromete sua qualidade, porém não quer dizer que por a data ser antiga que a informação está desatualizada e que o usuário não a utilizará mais. Esses buscam notícias atuais, mas também fazem uso de informações que abrangem um tempo maior, as vezes até com valor histórico.

4.4 ADEQUAÇÃO DA FONTE

Segundo o Art. 44 da Constituição Federal (BRASIL, 2010, *on-line*): “O Poder Legislativo é exercido pelo Congresso Nacional, que se compõe da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.”, por sua vez, segundo Art. 48 (BRASIL, 2010, *on-line*): “Cabe ao Congresso Nacional [...] dispor sobre todas as matérias de competência da União [...]”.

Para o exercício dessa função, é necessário que os Deputados e os Senadores estejam a par do que acontece no Brasil, em diferentes setores. Com o objetivo de fornecer subsídios informacionais, o Banco de Notícias mantém em seu repositório informações publicadas nos *sites* dos principais jornais.

Portanto foi possível constatar que o recorte atende aos objetivos do banco de notícias, fazendo o recorte de notícias de temas relevantes aos interesses do Poder Legislativo, como assuntos ligados a política, economia, eleições, impostos, ações etc. Em suma, assuntos de interesse nacional, para que o seu público alvo possa estar ciente das questões pelas quais irá legislar.

4.5 LINK

Os *links* são fundamentais para a navegação dentro de qualquer *site*. “*Links* são elementos de ligação, interna ou externa, entre as páginas de websites.”

(GABRIELI; CORTIMIGLIA; RIBEIRO, 2007, p. 42). Segundo Primo e Recuero (2004, p. 91) “[...] funciona como elemento conectivo, delineando um caminho, conforme determina a programação.”

Não são fornecidos *links* externos, nem mesmo para os *sites* das notícias originais. Esse tipo de *link* “[...] é aquele que remete a um sítio que está fora do domínio ou unidade de análise à qual pertence.” (VANTI, 2005, p. 84).

Acessando o Banco de Notícias há *links* internos para as coleções e para as inclusões recentes. “O *link* interno seria aquele que, estando em uma página, remete à outra página existente dentro do mesmo domínio ou unidade de análise.” (VANTI, 2005, p. 84).

Fazendo-se uma busca surgem *links* para os registros que, por sua vez, fornecem *links* para o texto, para a referência completa e para a coleção em que a notícia está depositada. Todos os *links* são claros e coerentes quanto para onde estão remetendo, conforme recomenda Furquim (2004, p. 51): “[...] a avaliação de cada *link* em relação à coerência do mesmo com a proposta do *site web* como um todo, uma vez que, pela facilidade de implementação de ligações entre recursos *web*, pode ser tentador incluir ligações entre recursos *web* que não são lógica ou conceitualmente compatíveis entre si.”

Chamou atenção o fato de as Coleções dos jornais Correio Braziliense e Folha de São Paulo não ter nenhum registro vinculado a elas, causando frustração para o usuário, que acessa a essas Coleções com alguma expectativa. Segundo Furquim (2004, p. 52): “O conceito de coerência dos *links* também está relacionado, de forma geral, à expectativa de soluções de um problema que motiva o usuário a acessar um *site web*.”

Por outro lado, os *links* quebrados são evitados por meio da não disponibilização de *links* externos. “Os chamados “*links* quebrados” podem ocorrer por razões como: a página-destino mudou para outro endereço, já não existe mais, ou mesmo nunca existiu.” (PRIMO; RECUERO, 2004, p. 98), causando frustração como no caso das Coleções que não tem nenhum documento vinculado a elas.

4.6 FACILIDADE DE USO

Analisou-se a facilidade que o usuário tem em encontrar as informações no repositório. Segundo Carlos d'Andréa a navegação pelas informações deve ser eficiente, “[...] evitando que os usuários fiquem perdidos [...]” (2006, p. 42), nesse sentido a BDSF é bem eficiente, visto que o caráter simples da base não possibilita que o usuário se perca.

A quantidade de cliques da página inicial do site até a fonte são 2 e da fonte à informação 2 ou 3, seguindo a recomendação de Tomaél et al. (2004) que é de 3 ou menos.

Para a pesquisa há diversos mecanismos de busca. Rowley explica que:

Um mecanismo de busca é uma ferramenta de recuperação que executa o trabalho básico de recuperação, a aceitação da consulta, o cotejo desta com cada um dos registros existentes na base de dados, bem como a apresentação, resultante disso, de um conjunto de itens recuperados. (2002, p. 193)

Entre os mecanismos de busca oferecidos pelo repositório estão a função de busca e de busca avançada, além de índice de título, autores (no qual é possível classificar por título ou data), assuntos (no qual é possível classificar por título ou data) e data, conforme ilustração a seguir (Figura 2):



Figura 2: Página web do Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal.
 Fonte: Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho (2001, *on-line*).

Esses recursos são fundamentais para que o usuário possa encontrar a informação que procura e a BDSF apresenta diversas opções, contudo algumas formas de busca deixam a desejar conforme será analisado no item restrições percebidas.

4.7 LAYOUT DA FONTE

Analisando o *layout* da fonte, percebe-se que o design do menu é simples e fácil de navegar, facilitando a busca da informação. Esta é uma das características do *software* Dspace que “Possui uma arquitetura tradicional constituída por

camadas relativamente simples e bastante eficiente.” (CARVALHO et al., 2001, *on-line*), conforme ilustração (Figura 3):

The image shows the 'Biblioteca Digital do Senado Federal' website. The header includes the logo and the title 'Biblioteca Digital do Senado Federal'. Below the header, there is a search bar with the text 'Busca' and a 'Buscar' button. A navigation menu on the left lists various options: 'Página inicial', 'Coleções', 'Título', 'Autores', 'Assuntos', 'Por data', 'Serviço de Alertas', 'Meu espaço', 'Editar Perfil', 'Ajuda', and 'Sobre DSpace'. The main content area is titled '05. Banco de Notícias' and contains a search form with a dropdown menu set to '05. Banco de Notícias', a search input field, and a 'Buscar' button. Below the search form are buttons for 'Títulos', 'Autores', 'Assuntos', and 'Por data'. To the right, there is a section titled 'Coleções' listing various news sources with their respective counts: 'Correio Braziliense [0]', 'Folha de São Paulo [0]', 'Gazeta Mercantil [7003]', 'Jornal do Brasil [10925]', 'Notícias de revistas [51]', 'O Estado de São Paulo [44033]', 'O Globo [33193]', and 'Valor Econômico [37403]'. Below this list, there is a section titled 'Inclusões recentes' with a sub-section 'Ponto crítico' containing several news headlines: 'Com selo de qualidade em Wall Street', 'O Brasil não está preparado para crescer de forma tão acelerada', 'Pré-sal: governo fará 1º leilão no início de 2011', and 'Estado planeja investir R\$20 bi nos Jogos'. At the bottom, there is an 'RSS Feeds' section with two buttons for 'RSS 1.0' and 'RSS 2.0'.

Figura 3: Página inicial do Banco de Notícias.
 Fonte: Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho (2001, *on-line*).

Outro aspecto a ser comentado é que se encontrou coerência na utilização de padrões: estética da página, tamanho da letra e cores, conforme sugerido por Tomaél et al. (2004) para a questão do *layout* da fonte.

Verificou-se, também, que não são utilizadas outras mídias, como som e imagem, além do texto. Alcará acredita que isso “[...] evidencia a subutilização dos recursos que a rede dispõe, pois o ideal nesse critério seria que todas as fontes de informação eletrônica explorassem os recursos de hipertexto e hipermídia” (2004, p. 53).

Para um Banco de Notícias seria interessante complementar os textos das notícias com outras mídias, principalmente imagens e vídeos dos fatos noticiados. Essas imagens e vídeos poderiam ser extraídos das próprias agências do qual são recortados digitalmente os textos que compõem o Banco.

A única incoerência encontrada foi em relação ao título dado à coleção: na página da biblioteca está como “Notícias de Jornais”, enquanto no repositório denomina-se “Banco de Notícias”, contudo essa diferença de padrões não interfere significativamente no caminho que o usuário irá percorrer para achar a informação desejada, visto que os dois títulos referem-se a notícias.

4.8 RESTRIÇÕES PERCEBIDAS

Foram observados os aspectos que de alguma forma podem restringir ou desestimular o uso. Entre eles cita-se o fato de as informações de ajuda estarem em inglês, de o texto ser a única mídia utilizada e de os índices (título, autor, assunto, data), que são de todo o repositório, não refinarem os resultados por coleções.

Contudo, a restrição percebida que mais influi na qualidade do repositório é a característica de não apresentar ordem lógica nos resultados de buscas. Os resultados não estão ordenados por data de publicação, por título ou por autor, dificultando o acesso à informação desejada.

A saída para essa restrição seria refinar a pesquisa por ano, mas essa opção não é oferecida, dificultando quando se procura um tema em determinada data. Dessa maneira, o usuário tem que olhar todos os registros encontrados sobre o assunto procurado, prestando atenção à data de publicação, já que essa não está em ordem. Ou então, verificar todos os registros do repositório no período escolhido, prestando atenção aos assuntos, visto que pesquisando pela data não é possível refinar por coleção.

4.9 SUPORTE AO USUÁRIO

Uma biblioteca digital deve estar preparada para dar suporte a seus usuários remotamente. O repositório do Senado Federal oferece um Serviço de Alerta, em que é possível fazer cadastro na página e inscrever-se para receber e-mails de atualizações das coleções escolhidas.

Verificou-se que a fonte traz informações que permitem o contato, em caso de necessidade de ajuda, por e-mail e telefone. Com destaque para o correio eletrônico que é um meio de comunicação rápido, simples e barato, indo de encontro ao custo das ligações via telefone que pode ser considerável se tratando de chamadas a longa distância. “Outras vantagens do correio eletrônico [...] são o anonimato e a permissão da impressão de todo o processo de consulta e do resultado da pesquisa.” (MÁRDERO ARELLANO, 2001, *on-line*)

A BDSF oferece, também, ajuda com relação específica a problemas relacionados ao repositório através do DSpace Help, esta em inglês.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

As bibliotecas que oferecem o *clipping* a seus usuários preocupam-se não somente em fazer o recorte, mas também em armazenar, conservar e indexar as informações, de maneira que o usuário possa ter acesso a notícias mais antigas e fazer buscas nas que lhe são de interesse, tanto recentes como antigas. Contudo é mais frequente ver, nas instituições, o *clipping* elaborado por outros setores, que não se preocupam, na maioria das vezes, em manter os documentos sempre disponíveis, tirando-os do ar depois de algum tempo, além de não oferecem alternativas de busca.

A coleção Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado Federal existe porque tinha seu valor no formato impresso, logo, quando criada a biblioteca digital a coleção, antes somente impressa, ganhou seu formato digital. O mesmo ocorre com os recortes de jornais impressos anteriores a 2004, esses estão sendo digitalizados porque eram muito utilizados no formato impresso ou microfilmado (no caso dos mais antigos).

Os objetivos específicos que foram cumpridos com a contextualização teórica são: 'identificar as diversas formas do webjornalismo', com o item 2.1; 'verificar o uso de *sites* noticiosos, blogs noticiosos e Twitter como fontes de informação jornalística na Internet', com o item 2.1; e 'identificar os tipos de fontes de informação jornalísticas usadas pelas bibliotecas para prestar informações a seus usuários', com os itens 2.2 e 2.3. Já o objetivo específico 'analisar como se dá o uso do *clipping* na Biblioteca Digital do Senado Federal' foi cumprido na análise dos dados, juntamente com o item 2.4 na contextualização teórica.

Cumpridos todos os objetivos específicos cumpriu-se também o objetivo geral do trabalho que era 'analisar o uso do *clipping* pela Biblioteca Digital do Senado Federal, enquanto fonte de informação' e respondeu-se ao problema questionado no início da pesquisa: 'Dentre os tipos de informação jornalística disponível na Internet, como se dá o uso do *clipping* pelo Banco de Notícias da Biblioteca Digital do Senado?'.

Após a análise pode-se concluir que o *clipping* apresentou-se como um serviço importante, porém, mesmo assim, foi difícil achar material bibliográfico que tratasse a respeito do assunto. Mas os poucos textos encontrados e citados na contextualização teórica apresentam exemplos de sucesso.

Também se pode concluir que o Banco de Notícias, mesmo com algumas restrições, apresentou-se como uma fonte confiável e atualizada, sendo possível afirmar que é uma fonte de qualidade, segundo os critérios de Tomaél et al. (2004), tomados como base para a coleta e análise dos dados. Servindo assim de referência para o desenvolvimento de *clipping* em outras bibliotecas.

A pesquisa foi importante no sentido de explorar um serviço que não é muito desenvolvido em bibliotecas, mas que é importante e pode ser acrescentado, sendo um diferencial que as bibliotecas podem oferecer. A pesquisa também contribui com a escassa literatura disponível, atualmente, sobre o tema. Podendo, ainda, servir como base para futuras pesquisas a respeito do *clipping* de blogs e através do Twitter.

Durante a pesquisa, antes de escolher o sujeito, foram procuradas bibliotecas que faziam recortes digitais e dentre as fontes de informação jornalística disponíveis na Internet somente foi possível encontrar bibliotecas que fazem o recorte de *sites*. Dentre as outras fontes disponíveis não foi encontrada nenhuma biblioteca que fizesse o recorte. Soma-se a esta dificuldade o fato de que a que fazia o *clipping*, ao menos de *sites*, não respondeu ao questionário enviado o que, imagina-se, poderia ter contribuído para um enriquecimento maior da pesquisa.

Fontes não convencionais podem e devem ser incorporadas às bibliotecas, representando um diferencial para essas e seus usuários. Existem muitas formas de informação jornalística na Internet que não estão sendo utilizadas pelas bibliotecas.

Mesmo a Biblioteca do Senado Federal que disponibiliza o *clipping* para seus usuários ainda não despertou para todo potencial que o webjornalismo oferece. Poderiam ser fornecidas notícias de blogs, principalmente os blogs que pertencem aos jornais que já possuem coleções no Banco de Notícias. Outro

potencial perdido é a não utilização do Twitter por parte da Biblioteca do Senado Federal. Mas mesmo as bibliotecas que fazem uso do Twitter ainda não utilizam as fontes jornalísticas para retwitter notícias a seus seguidores, como é o caso da Biblioteca Nacional do Brasil e a do Chile.

Por fim, os bibliotecários devem ficar atentos às mudanças e preparados para fazer o melhor uso da grande quantidade de ferramentas e de informação que são disponibilizadas na web, levando informação de qualidade e atualizada a seus usuários, pois o trabalho bibliotecário vai muito além da preocupação com acervos impressos, visto que as informações estão migrando, cada vez mais, para a forma digital.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sueli Angélica do. Marketing e desafio profissional em unidades de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 1-11, 1996. Disponível em: <<http://capim.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/452/411>>. Acesso em: 27 dez. 2010.

AMARAL, Sueli Angélica do; GUIMARÃES, Tatiana Paranhos. Funções desempenhadas pelos *sites* das bibliotecas universitárias do Distrito Federal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20, Fortaleza, 2002. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2002. 1 CD-Rom.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino et al. A Biblioteca universitária no meio digital: análise das bibliotecas dos cursos de direito em Minas Gerais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, Recife, 2002. **Anais...** Recife: UFPE, 2002 1 CD-Rom.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MONITORAMENTO DE INFORMAÇÃO. **O que é clipping?**. 2008. Disponível em: <http://www.abemo.org/index.php/o_que_e_clipping>. Acesso em: 27 maio 2010.

BARBOZA, Elza Maria et al. Web *sites* governamentais, uma esplanada à parte. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 118-125, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/273/241>>. Acesso em: 17 dez. 2010.

BIBLIOTECA ACADÊMICO LUIZ VIANA FILHO. **Biblioteca Digital do Senado Federal**. [2001]. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/>>. Acesso em: 21 set. 2010.

BLATTMANN, Ursula; WEBER, Claudiane. Dspace como repositório digital na organização. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 467-485, jul./dez. 2008

BRASIL. Constituição (1988). **Portal Legislação**, Brasília, DF, 13 jul. 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/index.shtm>. Acesso em: 27 set. 2010.

BRODBECK, Henrique J. **Avaliação de sites web**. Porto Alegre : UFRGS, 2002. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/~brodbeck/websites/>>. Acesso em 9 de mar. 2003.

CENDÓN, Beatriz Valadares. A Internet. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER; Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 275-300.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na *web*. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html>. Acesso em: 12 abr. 2010.

CARVALHO, Orlando. et al. **Repositório científico digital – UTDA**. 2007. Disponível em: <http://www.iadis.net/dl/final_uploads/200713P066.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na globosfera. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 29-49, jan./jun. 2008.

COSTA, Denise. **Recortes de jornais da Biblioteca do Senado serão digitalizados**. 2010. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/verNoticia.aspx?codNoticia=103903&codAplicativo=2&codEditoria=8>>. Acesso em: 21 set. 2010.

D'ANDRÉA, Carlos. Estratégias de produção e organização de informações da web: conceitos para a análise de documentos da internet. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 39-44, set./dez. 2006.

EIRÃO, Thiago Gomes. Disseminação seletiva da informação: uma abordagem. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 20-29, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=183>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

FERNÁNDEZ, Oscar. La bibliotecas universitárias en Internet: metodologia de evaluación de sus webs. **Revista Marplatense de Bibliografía**, Argentina, v. 1, n. 1, oct. 2000. Disponível em <<http://rebima.8m.com/cgi-bin/>>. Acesso em 10 out. 2002.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Difusão, 2004. 247 p.

FURQUIM, Tatiana de Almeida. **Fatores motivadores de uso de site web**: um estudo de caso. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 1, p. 48-54, jan./abr. 2004.

GABRIELI, Leandro; CORTIMIGLIA, Marcelo; RIBEIRO, José Luis. Modelagem e avaliação de um sistema modular para gerenciamento de informação na web. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 35-53, 2007.

GARCIA DE LEÓN, Alicia; GARRIDO DIAZ, Adriana. Los sitios web como estructuras de información: un primer abordaje en los critérios de calidad. **Biblios**, Peru, n. 12, p. 1-16, abr./jun. 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

HEMEROTECA: Centro Nacional de Folclore Popular. [2008]. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=62>. Acesso em: 5 jun. 2010.

LEMONS, André. **Janelas do ciberespaço**: comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001. 277 p.

MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: web 2.0 e suas aplicações para as bibliotecas. **Informação e Sociedade**, Paraíba, v. 17, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/831/1464>>. Acesso em: 28 maio 2010.

MARCONDES, Carlos Henrique; JARDIM, José Maria. O estado e a Internet: informação e políticas públicas através da rede. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE

DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1, São Paulo, 2002. **Anais...** São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 241-256.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. Serviço de referência virtual. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 30, n. 2, maio/ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652001000200002&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 06 out. 2010.

MASCARENHAS, Fábio; MALINCONICO, Pascale. **Informail**: a experiência do uso de recursos hipertextuais na disseminação da informação no SENAI/PE. 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000725/01/T064.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2010.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web**. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2003/mielniczuk2003.doc>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na web**: o *link* como elemento paratextual. 2001. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/palacios_mielniczuk2001.rtf>. Acesso em: 27 mar. 2010.

MOSTAFA, Solange Puntel; TERRA, Marisa. Fontes eletrônicas de informação: novas formas de comunicação e de produção de conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 54-59, 1998. Disponível em: <http://www.seade.sp.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_08.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2010.

OBERHOFER, Cecilia Nalizia A. Valor da informação: percepção versus quantificação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 20, n.2, p. 119-129, jul./dez. 1991.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; SCHENQUEL, Marília Beatriz de Castro; SILVEIRA, Celoi da. Critérios para avaliação de conteúdos dos *sites* dos arquivos públicos estaduais do Brasil. In.: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INOFMRAÇÃO E ÉTICA, 2, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2003.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1997. 320 p.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória**: apontamentos para debate. 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2010.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Projeto de pesquisa – o que é? Como fazer?**: um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d'Água, 2005. 96 p.

PICCHETTI, Vanessa Catharino. **Blogs e o jornalismo online**: a produção de notícias na Internet. 2007. Disponível em: <http://74.125.155.132/scholar?q=cache:p-jYqhP1QiEJ:scholar.google.com/+clipping+webjornalismo&hl=pt-BR&as_sdt=2000>. Acesso em: 16 maio 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. O aspecto relacional das interações na web 2.0. **E-compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, p. 1-21, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154>>. Acesso em: 27 mar. 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. **Revista fronteiras**: estudos midiáticos, Vale do Rio dos Sinos, RS, v. 6, n. 1, p. 91-113, 2004.

RODRIGUES, Ana Vera; CRESPO, Isabel. Fontes de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jun./dez. 2006.

SALES, Rodrigo; ALMEIDA, Patrícia Pinheiro de. Avaliação de fontes de informação na *internet*: avaliando o *site* do NUPILL/UFSC. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 67-87, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/730>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

VERSIANI, Luciana de Noronha; COELHO, Marisa Colnago. **Hemeroteca digitalizada**: preservação de documentos e difusão da informação. 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000754/01/T099.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2010.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa**: descrição e aplicação do método. 2004. Disponível em: <http://netuno.lcc.ufmg.br/~michel/docs/TextosDidaticos/ciencia_e_metodologia/analise%20de%20conteudo.pdf>. Acesso em: 14 out. 2010.

SILVA, Fernando Firmino. Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Orgs.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento editorial, 2009. p. 257-276.

SOSTER, Demétrio de Azevedo. A relação entre velocidade e precisão em webjornalismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v.9, n. 2, p. 353-363, jun./dez. 2003.

SPYER, Juliano. **Tudo que você precisa saber sobre Twitter (você já aprendeu em uma mesa de bar)**: um guia prático para pessoas e organizações. S.l.: Talk, 2009. 110 p.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. **Informação e Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 11, n. 2, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/293/216>>. Acesso em: 17 dez. 2010.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios de qualidades para avaliar fontes de informação na Internet. In: TOMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Avaliação de fontes de informação na Internet**. Londrina: Edudel, 2004.

VANTI, Nadia. Os links e os estudos webométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 78-88, jan./abr. 2005.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A.; SHINTAKU, M. **Repositórios institucionais em ciência e tecnologia**: uma experiência de customização do

Dspace. 2005. Disponível em: <<http://dspace.ibict.br/dmdocuments/viana358.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.

VITORINO, Elizete Vieira et al. Fontes de informação em educação a distância disponíveis em meio eletrônico nas universidades federais brasileiras. **Revista ABC**, v.12, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/496/639>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO

a) Informações de identificação:

- Título da fonte:
- Endereço eletrônico (URL):
- Instituição responsável:
- Setor responsável:
- E-mail:
- Telefone:
- Informações sobre a fonte:
- Objetivo da fonte:

b) Consistência das informações:

- Cobertura da fonte:
- Coleções:
- Resumos ou informações complementares:
- Apresentação de informação original ou apenas fornecimento do endereço para recuperá-la (baseada somente em acesso a *links*):

c) Confiabilidade das informações:

- Dados completos de autoria como mantenedora da fonte:
- Datas (atualização):

d) Adequação da fonte;

- Coerência do *site* onde a fonte estiver localizada com seu propósito ou assunto:

e) *Links*:

- *Links* internos:
- *Links* externos:

f) Facilidade de uso:

- Os links da fonte não permitem retroceder e avançar:
- Quantidade de cliques:
- Disponibilidade de recursos de pesquisa:

g) Lay-out da fonte:

- Coerência na utilização de padrões, estética da página, tamanho da letra e cor:
- O design do menu:
- Mídias utilizadas:

h) Restrições percebidas:

- Fatores que dificultam a utilização da ferramenta:

i) Suporte ao usuário:

- Contato:
- Ajuda:

j) Outras considerações:

- Outras observações percebidas: